

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CONTROLE DAS ENDEMIAS

ELISABETH MARIA DO CARMO

SUCAM/MS 70058 Brasília, DF, Brasil

Reflexão sobre a prática: crítica à Educação Sanitária

A crítica que se faz a não efetividade da educação sanitária, está relacionada a certa distância da ação educativa de um conhecimento epidemiológico mais consistente, dos objetivos e prioridades estabelecidas nos programas de controle das endemias; a ênfase excessiva nas tecnologias de combate, dificultando a inserção das atividades de educação no planejamento geral dos programas; métodos e técnicas voltados para a transmissão de conhecimento de forma verticalizada e imediatista; falta de espaço nas instituições para a participação real das populações. Tais constatações levaram a um interesse geral na reformulação de objetivos e metodologias da educação sanitária por parte daqueles que estão atuando junto aos grupos comunitários e/ou em articulação interinstitucional nos programas de controle.

Diagnóstico situacional

As populações ao longo dos anos vêm recebendo informações sobre a cadeia de transmissão e as medidas de controle e proteção que devem adotar contra as doenças. Entretanto, a observação direta do comportamento de indivíduos e grupos populacionais indica a não adoção dessas medidas, devido a determinantes sócio/econômicas e a certos fatores psico-sociais e culturais, expressos nos modos de viver e morrer dessas populações.

No caso da esquistossomose, o fato fica evidente quando são questionadas pessoas residentes em localidades que vêm sendo objeto das ações educativas, tradicionalmente reconhecidas como de extrema importância, para que as populações mudem sua relação com as águas, evitando a contaminação e conseqüentemente a doença.

Outro fator que faz parte da situação geral é a falta de capacitação interinstitucional para coordenação de ações, dentro e fora do setor

saúde, relacionadas à prevenção das doenças, especificamente, obras de engenharia sanitária.

METODOLOGIA

Proposta metodológica que inclui a participação das populações

Nosso pressuposto é que a realidade social, sendo profundamente dinâmica, não se modifica aleatoriamente, uma vez que as mudanças obedecem a leis próprias, podendo ser conhecida na sua globalidade, onde a saúde e a doença acontecem em um processo dialético.

As populações, sujeito das ações educativas, não são generalizações mas pessoas morando num determinado lugar, numa determinada época, trabalhando, vivendo e se reproduzindo de uma forma própria.

O desgaste físico e mental no processo de trabalho e a não possibilidade de acesso a bens e serviços para proteção, prevenção e recuperação da saúde, considerando-se principalmente alimentação, habitação, transporte, lazer, educação, meio ambiente físico e social, estão na causalidade da saúde/doença, demonstrada nos modos de viver e morrer dos diferentes grupos sociais.

Esse enfoque modifica a relação educador população, transformando-a, da simples divulgação de normas, orientações e conhecimentos para a busca do saber da população e das percepções que têm de sua realidade.

Os grupos comunitários podem participar de forma real de decisões que afetam diretamente suas vidas, deixando de curvar-se "solícitos" ou "revoltados" às tecnologias que, às vezes, os estão agredindo física e mentalmente.

A proposta ao educador é: *pergunte e ouça* para desenvolver *junto*, ações criativas, em que o seu saber científico/tecnológico se una ao sa-

ber vivencial da população, em busca de soluções alternativas para os problemas de saúde.

A metodologia participativa abrange um conjunto de métodos e técnicas: pesquisa, dinâmica de grupo, educação popular, conhecimentos epidemiológicos, de saneamento ambiental, ecologia e políticas de saúde e outras ações governamentais ou não governamentais, do interesse da população, num processo coletivo de produção de um conhecimento vivo, a partir da realidade e dos principais sujeitos que estão vivendo e transformando essa realidade.

CONCLUSÕES

Inserindo a relação educador/população num processo social mais amplo, situa-se a educação em saúde como prática transformadora. A capacitação dos recursos humanos institucionais e dos grupos populares realiza-se numa articulação recíproca, num espaço de criatividade que leva à ação organizada das populações, no encaminhamento de soluções para os problemas de vida e saúde.

Com essa proposta educativa, os educadores estão aprendendo e ensinando maneiras de fazer educação em saúde, com a população, embora um longo caminho ainda precise ser trilhado em sua prática.